



A MULHER COMO UM MAL: UMA LEITURA DE MACBETH¹

WOMAN AS AN EVIL: A READING BY MACBETH

Gabriela Piovesan Leitão Tibola²

RESUMO: O presente artigo tem como escopo debater a respeito das personagens da peça “Macbeth” de William Shakespeare que foi escrita entre os anos de 1603 e 1607, na Inglaterra. Considerando que a Literatura pode ser representada como um espelho do real, mesmo que esta representação não seja totalmente fidedigna, ela remete e reproduz estruturas e ordens sociais do contexto sócio-histórico do(a) autor(a). Por isso, a perspectiva desse artigo busca enfatizar a representação do feminino na obra de Shakespeare e os impactos que esta representação, também de ordens sociais, que cerceiam o autor na época em que escreveu a tragédia, bem como a percepção sobre a mulher no âmbito social. Este estudo tende a ter importância social, pois a origem das percepções dos indivíduos pode ser encontrada na Literatura e analisada no âmbito social. Apesar dos fatos sociais serem mutáveis, pela mudança organizacional de uma sociedade com o passar do tempo, as estruturas são pautadas em uma origem arbitrária construída no passado. Dessa forma, a discussão reflete a partir de estudos da área da Linguística e da Literatura embasada em concepções teóricas de CANDIDO (2006); HELLER (2005); BEAUVOIR (2016); entre outros.

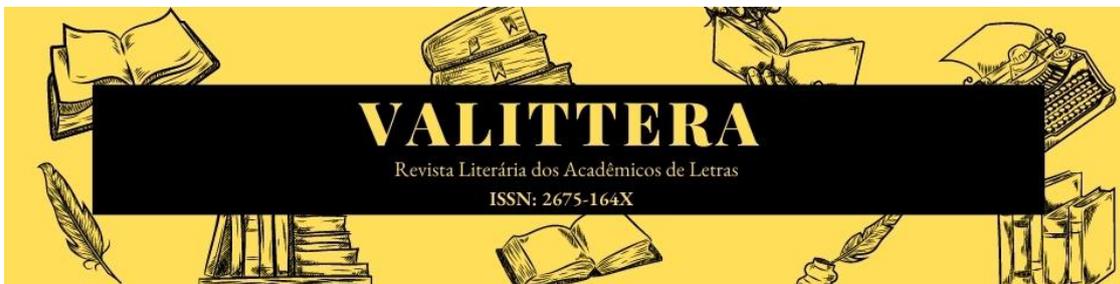
PALAVRAS-CHAVE: Shakespeare; literatura; representação do feminino.

ABSTRACT: The purpose of this article is to debate about the characters in the play “Macbeth” by William Shakespeare, which was written between 1603 and 1607, in England. Considering that Literature is a mirror of the real, even if this representation is not totally reliable, it refers and reproduces social structures and orders of the author's socio-historical context. Therefore, the perspective of this article seeks to focus on the representation of the feminine in Shakespeare's work and the impacts of social orders that surround the author at the time he wrote the tragedy, as well as the perception of women in the social sphere. This study tends to be of great social importance, since the origin of the perceptions of social individuals can be found in Literature and analyzed in the sociological context. Despite that social facts are changeable, due to the organizational change of a society over time, the structures are based on an arbitrary origin built in the past. Thus, the discussion reflects from studies in the area of Linguistics and Literature based on the theoretical conceptions of CANDIDO (2006); HELLER (2005); BEAUVOIR (2016); between others.

KEYWORDS: Shakespeare; literature; representation of the feminine.

¹Trabalho desenvolvido no âmbito da disciplina Introdução aos Estudos Literários II (Drama e Épica), sob a orientação do prof. Dr. Altamir Botoso.

² Graduanda em Letras Português-Espanhol pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – Brasil. Bolsista PIBIC. E-mail: gabrielapiovesan90@gmail.com



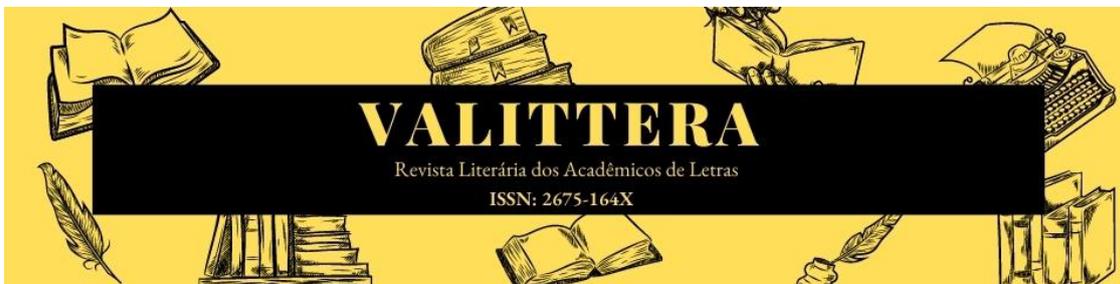
1 INTRODUÇÃO

A literatura, antes de qualquer aspecto, é um elemento constitutivo da sociedade. Esse elemento, que não é neutro, busca – também – reproduzir, de certa forma, a ordem social que é composta por estruturas sociais já cristalizadas imbuídas nos discursos. Assim, como afirma Candido (2006, p. 174) “a literatura e os escritores se integram na comunidade”, de modo que “a literatura passa de tal modo a ser um elemento da ordem social” (CANDIDO, 2006, p. 174), isto porque a literatura e o sujeito são objetos do mundo social, a literatura é, dessa forma, um instrumento social que reflete e refrata toda uma estrutura coletiva em que os sujeitos estão inseridos.

Desta forma, a literatura desempenha vários papéis na sociedade, tais como de entretenimento, provocações, fonte de conhecimento, entre muitos outros. Todavia há um papel implícito, que existe mesmo que o autor não tenha esse propósito, qual seja, o da legitimação de relações sociais estabelecidas. Isto significa que a literatura retrata e narra – por vezes de forma muito natural – relações de dominação que foram construídas em cerne estruturais problemáticos e arbitrários.

Nesse sentido, o presente artigo analisará uma obra shakespeariana, conhecida e aclamada, *Macbeth*, além de analisar, também, o estabelecimento das ordens sociais e políticas dentro do contexto histórico do dramaturgo britânico. Será discutido como as personagens da peça supramencionada carregam elementos ideológicos de seu contexto, além de – de alguma forma – fazem emergir certa exaltação de um sistema patriarcal, ordem política, posição monárquica, etc. Shakespeare, com toda a bagagem de sua época, traz de forma magnífica uma crítica à erros humanos que são atemporais, tal crítica, no entanto, se dá a partir de condições de sua produção.

É importante ressaltar que, afim de não cometer anacronismos ao longo desse texto, busca-se como objetivo entender e observar de forma consciente as condições de produção de discurso constituintes da obra de Shakespeare, seu contexto histórico, seu efeito ideológico dentro deste contexto, porém as memórias discursivas utilizadas neste



texto – infelizmente – não podem ser afastadas de uma concepção contemporânea acerca do assunto.

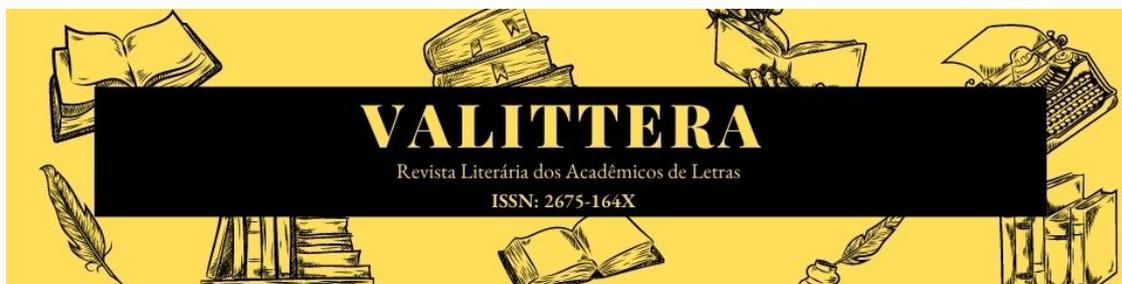
2 RESUMO DA PEÇA

Macbeth, ou no início Barão de Glamis, é um general que luta na guerra, com seu amigo, Banquo, a favor do Rei da Escócia, Duncan. Macbeth sai vitorioso da guerra e é amplamente aclamado pelo Rei Duncan. No caminho de volta da guerra, ele e o amigo se deparam com três figuras distintas, que se apresentam como: “tão murchas e claudicantes e tão fantásticas e desvairadas em seus trajes a ponto de não parecerem habitantes da Terra” (SHAKESPEARE, 2003, p. 150). As três irmãs, denominadas como bruxas por Shakespeare, fazem três previsões surpreendentes aos dois homens. Primeiramente dão duas previsões ao general, a primeira é de que o lugar de Barão de Cawdor seria de Macbeth, futuramente, seria o novo rei da Escócia. Por último, profetizam que Banquo será progenitor de reis.

Não tarda, as previsões começam a se concretizar. Logo que retorna da guerra, após a gloriosa recepção do rei Duncan a Macbeth, o rei lhe dá o título de Barão de Cawdor, já que seu antecessor traiu a coroa. O general fica admirado que uma das profecias se tornara realidade e escreve uma carta contando a história para sua esposa, Lady Macbeth.

Possuída e inebriada pela ganância e ambição de ser a próxima rainha, Lady Macbeth arquiteta um plano para o marido matar Duncan, para que ocupasse, de forma mais breve, o reinado. E, assim o fez, seu esposo, esgueirando-se na noite, enfia uma adaga no peito do, até então, rei da Escócia e culpa seus serviçais, que Lady Macbeth já havia embebedado para que não pudessem se defender.

Com medo, os filhos de Duncan, Malcolm e Donalbain, fogem para Inglaterra e Irlanda, pois acreditam serem os próximos a serem assassinados por conta de seu sangue. Entretanto, essa fuga acaba sendo interpretada como uma confissão do assassinato, ou seja, pressupõe que os dois tivessem mandado os serviçais assassinar seu pai.



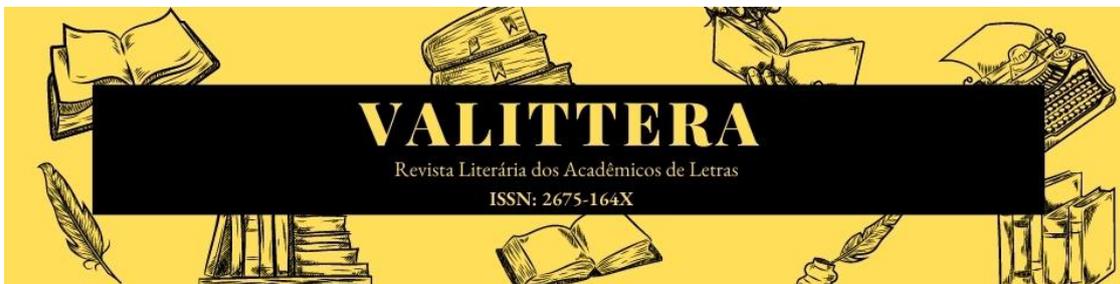
Com essa “confissão”, Macbeth é proclamado rei e, por consequência, Lady Macbeth torna-se a rainha da Escócia. Porém, após o ato assassino que cometeu contra o rei Duncan – que também era seu parente – Macbeth começa a enlouquecer. O general que antes era glorioso, retratado por seus grandes feitos a favor do reino, forte, leal e honrado, decai e torna-se um rei tirano, obcecado pelo poder, ambicioso e cruel.

Lembrando das palavras das três irmãs bruxas, Macbeth mata Banquo, por entender que ele sendo o progenitor de reis, conforme o novo rei da Escócia afirma em: “sobre minha cabeça depositaram elas uma coroa infrutífera; em minha mão, cetro estéril” (SHAKESPEARE, 2003, p. 187). Neste sentido, Macbeth acredita que entregou o trono de “mão beijada” (SHAKESPEARE, 2003, p. 187) aos filhos de Banquo. O filho de Banquo, Fleance – que estava junto ao pai – quando este foi morto, consegue fugir, o que deixa Macbeth furioso.

Após a loucura do marido começar a transparecer durante um banquete com lordes e serviçais, Lady Macbeth fica preocupada com os desdobramentos da manipulação maliciosa que exerceu sob Macbeth. E, com o enredo percebe-se que a insanidade alcança, também, a rainha. Em distúrbios noturnos, a esposa de Macbeth anda pelos corredores do castelo, confessando os seus feitos terríveis e de seu marido. Pouco depois, Lady Macbeth se suicida, jogando-se de um abismo.

Adiante, os apoiadores de Macbeth descobrem a farsa em encobrir o verdadeiro motivo do assassinato de Duncan, vão atrás dos filhos do antigo rei, para tirar Macbeth do poder, pois este tornou-se um tirano, fazendo de tudo para se manter no poder. As três irmãs estranhas recitam previsões para Macbeth afirmando que ninguém que seja nascido de uma mulher poderá vencê-lo. Porém, o rei é morto por Macduff, pois este nasceu de sua mãe quando já estava morta, conforme se verifica no seguinte trecho da peça: “do ventre da sua mãe Macduff foi arrancado à força, antes do tempo”. (SHAKESPEARE, 2003, p. 243). Adiante, quem assume o trono é Malcolm, filho de Duncan, e a peça termina.

3 A CONSTITUIÇÃO DA PERSONAGEM DE LADY MACBETH

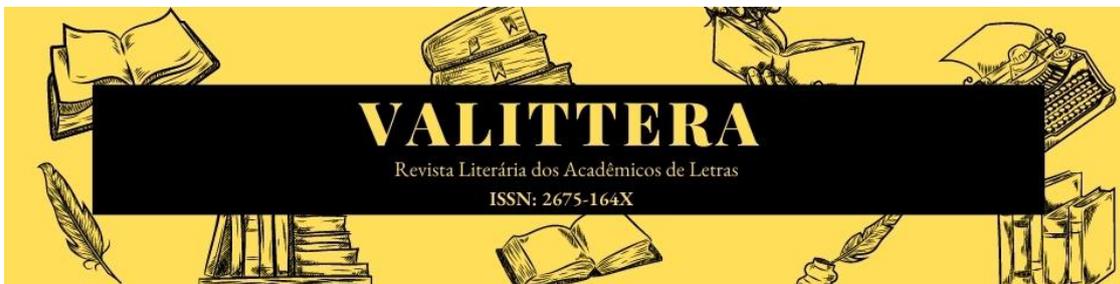


Shakespeare escreveu Macbeth entre 1603 e 1607, assim observa-se que a obra está inserida em um contexto renascentista na Europa. Esse período foi marcado pela superação do homem à natureza e, ainda, uma relativa ruptura com a religiosidade. Ainda se crê em Deus e tem-se muito forte a questão do cristianismo, porém o homem começa a perceber que o poder pode emanar de suas mãos e não somente dos desejos divinos. Deste modo, a mulher, a qual o poder estava ligado, de alguma forma, ao místico, começa a ser colocada em um lugar de bruxa, malvada, que alimenta o terror.

Além disso, a tragédia shakespeariana ocorre na Escócia, nessa época o regime patriarcal já era dominante e a figura masculina era a base de toda uma sociedade, entretanto, nessa obra, Lady Macbeth, uma mulher, é responsável pelos desdobramentos todos do início ao fim da peça. Assim como afirma Souza (2016, p. 10): “as características psicológicas da personagem fazem com que se trace uma mulher forte e ativa, decidida sobre suas metas, com um destino traçado”. Todavia, toda essa determinação tem um caráter diabólico e cruel, que é possível comprovar ao longo do texto.

A literatura e suas obras ficcionais ajudaram a perpetuação da superioridade do homem e a nomeação da mulher como o Outro. Beauvoir (2016) afirma que as redações escritas em outras épocas são feitas por homens, assim como Shakespeare. Neste sentido, era muito importante engendrar o patriarcado e, para isso, nessas escritas, as mulheres eram representadas como ‘inimigo’ do homem. Beauvoir (2016) inicia essa discussão, por exemplo, com uma fala de Pitágoras que sintetiza esse lugar “diabólico”. Para o filósofo, escreve Beauvoir (2016), “há um princípio bom que criou a ordem, a luz, o homem; e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher” (PITÁGORAS *apud* BEAUVOIR, 2016, p. 116).

Lady Macbeth, nessa obra, pode ser vista como a representação desse Mal que o Bem necessita. Ela envenena o coração do guerreiro Macbeth contra o rei Duncan para que Macbeth o mate e fique com o seu lugar do trono, que lhe é legítimo pela profecia das Três Irmãs Bruxas. Assim que Lady Macbeth lê a carta que o esposo enviou contando sobre o encontro com as feiticeiras e suas profecias, ela diz:

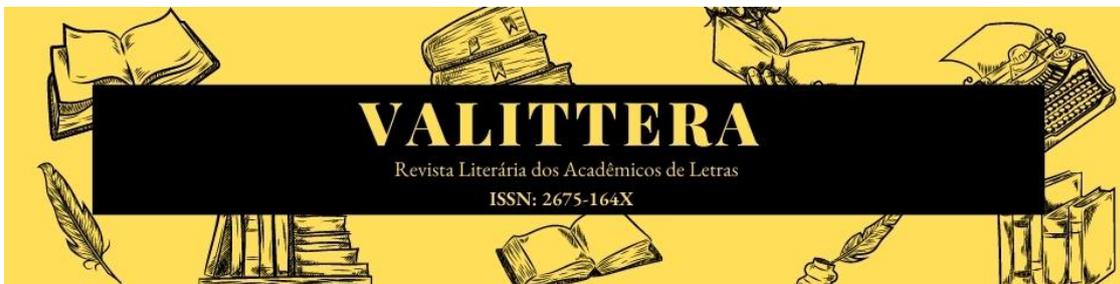


Já eras Glamis, e agora também és Cawdor, e serás o que te foi prometido. E, no entanto, amedronta-me tua natureza tão plena é ela do leite da bondade humana que não te permitirá tomar o primeiro atalho. Queres ser grande, e para isso não te falta ambição, mas careces da maldade que deve acompanhar essa ambição. Deves estar desejando de um modo sagrado aquilo que desejas tanto. Não querer jogar sujo, e mesmo assim desejas vencer de modo indevido. Desejas ter, meu grande Glamis, a coroa que grita que assim debes agir se queres tê-la. E desejas também aquilo que temes fazer, e teu temor é maior que teu desejo de que tal ato pudesse ser omitido. Apressa-te em vir para cá, e que eu possa em teus ouvidos derramar meu inebriante vigor, e que eu possa, com a ousadia de minha língua, açoiar tudo o que se interpõe entre tua pessoa e o círculo de ouro com o qual parecem terem te coroado o Destino e o auxílio sobrenatural. (SHAKESPEARE, 2003,p. 163).

Nesse trecho, observa-se que Macbeth é tido, conforme a mulher fala, como ambicioso, porém bondoso. A peça shakespeariana aponta que é Lady Macbeth quem irá destilar sua crueldade – aspecto de sua natureza feminina – para que consiga persuadir o marido a fazer qualquer coisa para chegar à coroação. Isso porque, essa constituição de Lady Macbeth a equipara como o Mal, em oposição ao homem (Macbeth), que seria o Bem. Assim, a narrativa ilustra a dicotomia para a qual Beauvoir (2016, p. 116) aponta, isto é, a que coloca a mulher como “o Outro” e que é “[...]a desordem que resiste à ordem”. Dessa forma, “a mulher é, assim, voltada para o Mal”. (BEAUVOIR, 2016,p. 116).

Mas há algo a se notar em “Macbeth”, Shakespeare traz a representação do feminino longe da passividade, como é possível notar em outras obras da mesma época. Lady Macbeth, assim como as feiticeiras, são agentes ativas desde o início da narrativa shakespeariana. Porém, suas ações são apagadas nos bastidores do poder, como um poder místico, amaldiçoado, temido. Neste contexto, cabe a afirmação de Beauvoir (2016, p. 104): “nela [mulher] é que se resume toda a Natureza estranha”.

Em suma, como no ditado popular ideologicamente sustentado na desigualdade de gênero – e engendramento do patriarcado – “para o bem ou para o mal, por trás de um grande homem sempre existe uma grande mulher”, esse é o lugar da ação da mulher representada por Shakespeare. Com seu poder persuasivo, a mulher recalitra a ordem natural do homem (o Bem) e o manipula para o mal.



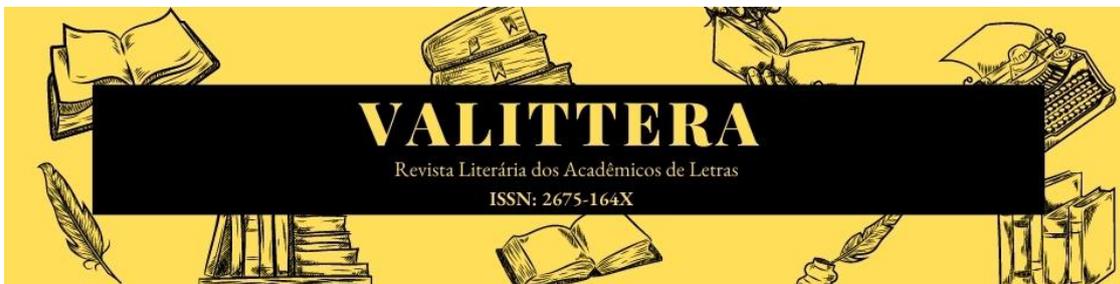
Adiante na narrativa, Macbeth, pensa e pondera sobre suas ações e se deveria seguir o plano da esposa em assassinar o rei Duncan, pois o guerreiro ficou comovido com os elogios que recebeu da coroa em relação a seus feitos. Ao comunicar à esposa a respeito de seu recuo, ela responde:

Estava bêbada, aquela esperança de que te revestias? Caiu no sono, a tal? E agora ela se acorda, tão pálida e verdolenga, para examinar o que antes fez com tanta liberalidade? Deste momento em diante, calculo que esteja igualmente doentio o teu amor. Tens medo de ser na própria ação e no valor o mesmo que és em teu desejo? Queres ter aquilo que, por tua estimativa, é o adorno da vida e, no apreço que tens de ti mesmo, levas a vida como um covarde, não é assim? Deixas o teu “Não me atrevo” aconteça por milagre; como a gata, coitadinha, que queria comer o peixe mas não queria molhar a pata. (SHAKESPEARE, 2003, p. 164)

É possível notar a crueldade de Lady Macbeth através do trecho acima. Analisando, minuciosamente, a fala da mulher, nota-se o quanto a futura rainha desperta em Macbeth algo mau. Além do que, assim como afirmam De Jesus et al (2016, p. 114), Lady Macbeth “traz pra si a responsabilidade pelo rumo dos destinos de ambos [ela e o marido], o que realmente comprova que sua figura transpõe a mera representação de uma mulher qualquer”. Isto é, o feminino representado na obra de Shakespeare não é o que em geral é visto em outras obras. Tem-se uma mulher que age, sem que seja vista, com um poder de persuasão sobre o homem e, ainda, desvela o desejo exacerbado pelo poder não medindo esforços para atingir seus objetivos. Como já dito anteriormente, neste sentido, é sobre a máxima de agir através do homem, sempre como um despertar do mal.

Após Lady Macbeth minimizar a coragem do marido, Macbeth, persuadido e manipulado, decide prosseguir com o plano de assassinar o rei Duncan. A mulher, então, embebeda os serviçais que protegem o rei e rouba suas adagas. Entrega-as ao marido que as crava no peito do rei enquanto este dorme.

4 SEMELHANÇAS DE EVA E LADY MACBETH



É importante salientar que no período histórico de Shakespeare a mulher e o feminino, no sentido amplo, significavam “um ser dotado de virtudes, submissas e sempre prontas para atender às necessidades e desejos de seus maridos, enaltecendo assim, o papel de uma sociedade majoritariamente patriarcal”(OLIVEIRA, 2016, p. 11).

E, ainda, assim, mesmo com a submissão sendo retratada como sinônimo do feminino, Lady Macbeth faz uma distinta aparição nesta obra de Shakespeare. Ela representa um símbolo de força, sensualidade e carrega uma grande importância para os acontecimentos da tragédia. Assim como a primeira mulher criada por Deus, na história bíblica, Eva.

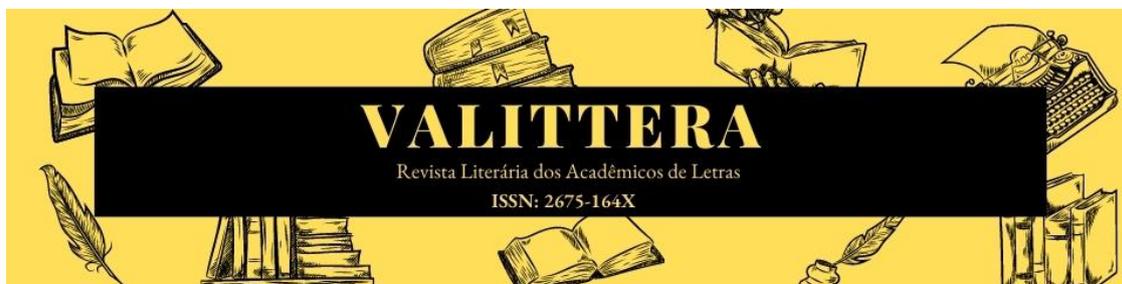
Esse paralelismo pode ser muito bem ilustrado entre Eva e a personagem de Shakespeare. Eva, a mãe de todos os viventes, conforme a história bíblica conta, foi enganada pela serpente. Deus disse a Adão que poderiam comer de todos os frutos que dispunham no jardim do Éden, apenas um fruto ele proibiu, assim como pode ser observado no trecho:

Deus deu-lhe este preceito: “Podes comer do fruto de todas as árvores do jardim; mas não comas do fruto da árvore da ciência do bem e do mal; porque no dia que dele comeres, morrerás indubitavelmente. (GÊNESIS 1.2, v15-17).

A serpente, astuta, quando ouviu de Eva que não poderiam comer o fruto proibido, lhe diz:

Oh, não! – tornou a serpente – vós não morreréis! Mas Deus bem sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal” (GÊNESIS 2.3, v4-5).

Desta forma, Eva foi levada a comer o fruto, seduzida com a menção de ser como deuses, enxergar assim como enxergaria Deus. E, assim como Eva, Lady Macbeth também foi seduzida pelo poder mencionado pela serpente, no caso dela pela ambição de se tornar rainha da Escócia. Ademais, com a escolha de se deixar levar pela ganância ou pela ideia de ter algo melhor, as duas seguiram pelo caminho das trevas, dando espaços para



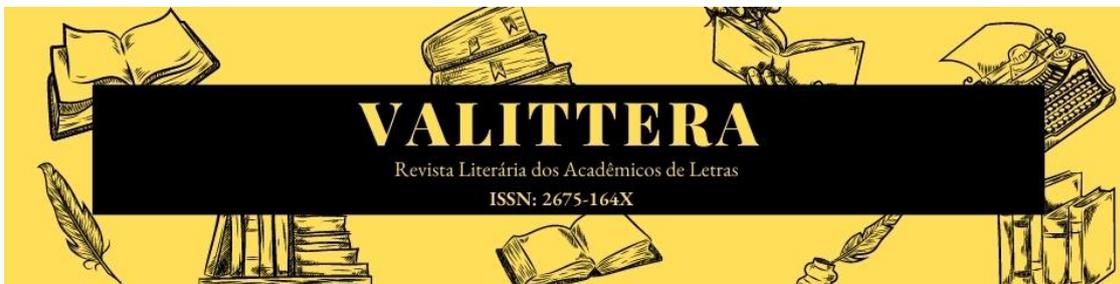
desdobramentos terríveis em seus destinos. Adão, que levado pela escolha inconsequente da mulher, e Eva foram expulsos do Paraíso, tal como o casal Macbeth foi levado à insanidade e a propósitos terríveis.

A conquista do livre arbítrio concedido por Deus a Adão e Eva torna o homem responsável por seu destino e, com isso, o peso dessa obrigação lhe traz consequências a respeito de suas escolhas. Assim, como Shakespeare trata na peça da influência poderosa da mulher sobre o homem, por meio de Lady Macbeth – e consequentemente seu marido – a esposa leva Macbeth a cometer assassinatos e, com isso, são desencadeadas uma série de escolhas “ruins” de Macbeth. Seu livre arbítrio e a chegada ao reinado levamos Macbeth à ruína, tal qual a danação de Adão e Eva depois de sucumbirem à tentação da serpente, que os levou a desobedecerem a Deus e serem expulsos do Paraíso.

Shakespeare também retrata que as escolhas ruins não são resultado de um erro consciente, mas sim como uma ‘falha’ da natureza humana. Desta forma, a falha é vista e, com isso, pode ser aprendida e reparada. A história de Eva, também, remete esse fundamento de aprendizado. Isto porque, a humanidade, que herdou esse pecado cometido pela mulher, busca constantemente a redenção. Por isso, Heller (2005, p. 20) afirma que as personagens de Shakespeare, em geral, são “vítimas de seus próprios pecados” e ainda reitera que “elas [tragédias shakespearianas] nos mostram crimes que são punidos” (HELLER, 2005, p. 20). Tal qual a história de Adão e Eva, pois Eva levou Adão à ruína, após a atitude de comer o fruto proibido e, como ela é parte dele – retirada de sua costela – os dois caíram juntos nesse abismo, sendo expulsos do local paradisíaco em que se encontravam e passaram a sofrer as consequências pela sua desobediência até serem perdoados.

5 SOBRE AS CONSEQUÊNCIA DOS ATOS EM SHAKESPEARE

Na narrativa de Shakespeare, após seus atos cruéis e tiranos, Macbeth enlouquece. Lady Macbeth, então, entende, enquanto a peça se encaminha para o fim, que as atitudes que ela e o marido tomaram engendraram uma série de desastrosos para o destino dos



dois. Antes um casal que era unido, agora se afasta por conta de atos neuróticos do rei. É notório, nesse sentido, o objetivo shakespeariano; o dramaturgo, assim, mostra, através de sua literatura, os sentidos morais, ordens sociais e estruturas que devem existir – e resistir – em toda a sociedade. Neste contexto, quando é utilizada de traição, crueldade, assassinatos, ambições, ganância, Shakespeare mostra, especialmente na peça *Macbeth*, que tudo tem algum resultado, assim como afirma De Jesus et al (2016, p. 116):

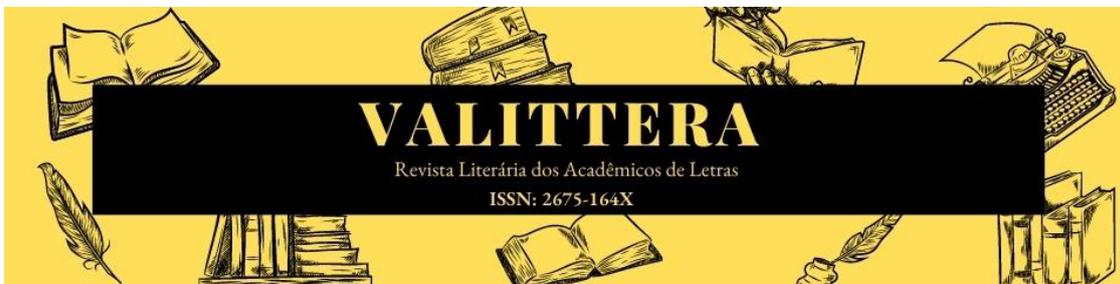
a estrutura social, que é a base para o governo, impetra as formas reguladoras de comportamento, que se desobedecidas trazem como consequência o castigo sendo primeiramente o terror psicológico e depois a sua punição física.

Desta forma, Lady Macbeth entende que as ações anteriores desencadearam todo um ciclo do mal e, por isso, é tomada de culpa e sofrimento, como pode ser visto no seguinte fragmento:

Nada se ganha, e tudo se perde, quando nosso desejo fica satisfeito sem contentamento. Mais seguro é ser o objeto que destruimos, mais seguro do que habitar uma alegria duvidosa, destruída pela destruição. (SHAKESPEARE, 2003, p. 190)

A rainha, então, entra em um estado de terror psicológico e isso acarreta o seu sonambulismo. O médico que a trata ouve, juntamente com sua dama de companhia, suas confissões a respeito dos atos que foram cometidos contra o rei Duncan, suas traições à coroa, seu plano de ascensão ao poder e sua culpa. Essa sua confissão, traz na obra um aspecto de “fluxo de consciência”, ou discurso interno, ou o que Candido (2018) chama de *alter ego*, pois a personagem no teatro não tem auxílio de um narrador e precisa ter essa representação na fala exterior, então seria aqui o inconsciente de Lady Macbeth falando, por meio de um solilóquio. Observa-se isso no trecho:

Sai, mancha maldita! Sai, estou dizendo. Um, dois... ora, mas então é este o momento de se fazer a coisa. O inferno é tão escuro! Que vergonha, senhor meu marido! Que vergonha: um soldado, e com medo? Haveríamos de ter medo do quê? Quem é que vai saber, quando ninguém tem poder para obrigar-nos a



contar como nós chegamos ao poder? E, ainda assim, quem poderia adivinhar que o velho tinha tanto sangue dentro das veias? (SHAKESPEARE, 2003, p. 229-230).

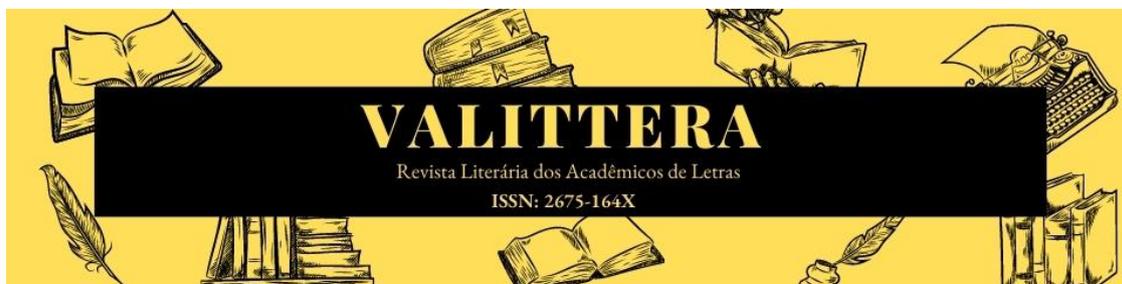
Ademais, sobre Shakespeare, assim como afirma Heller (2005, p. 20), “sua visão trágica não é apocalíptica, mas estritamente histórica”, isto é, o dramaturgo inglês coloca, através de suas obras, o homem transcendendo, historicamente, através do sentido das leis sociais, políticas e morais. Dessa forma, o homem que compreende tais leis estará em um plano superior em relação às pessoas que não as apreendem. Neste contexto, Lady Macbeth toma consciência de que o caminho que escolheu percorrer estava, de certa forma, fora do tradicional (ou correto) – que em Shakespeare seria natural –, isso fundamenta ao leitor “um aprendizado histórico que encarna significação através das ordens política e social” (DE JESUS ET AL, 2016, p. 117).

Isso leva a crer que as personagens de Shakespeare têm um tom de totalidade, ou seja, remetem à sociedade histórica, não são individuais, carregam às falhas, leis e ordens sociais; engendram e legitimam uma estrutura social e política que já está “pré estabelecida” historicamente. Assim, o que foi afirmado pode ser confirmado por Heller (2005, p.22), que tece a seguinte observação em relação ao que Shakespeare queria transpassar para a sociedade em que vivia:

embora fosse um cético, Shakespeare acreditava que, ao apresentar histórias sobre o passado, poderia advertir a rainha [de sua época], de modo que ela pudesse evitar repetir os erros de seus predecessores.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o escritor, levando em consideração toda a estrutura social que ele está inserido, transcende a um nível de universalidade, no sentido de totalidade. Shakespeare, mesmo sendo cético, como já mencionado por Heller (2005), acredita, de certa forma, em um aprendizado humano. Dessa forma, entendendo que o ser humano tem suas falhas e estas podem ser reparadas.

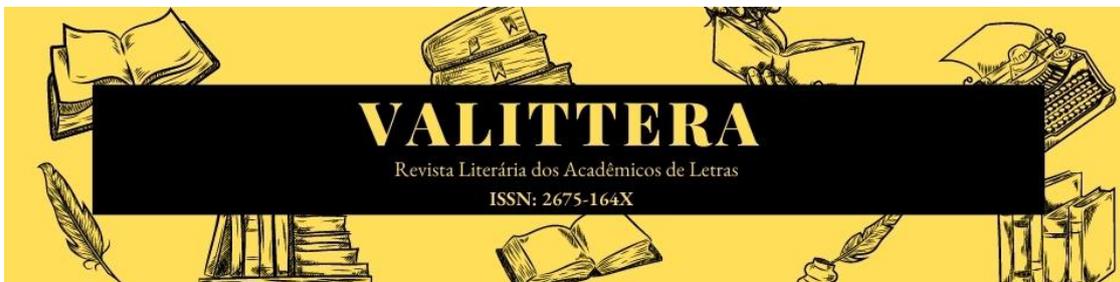


Neste sentido, é inegável que a estrutura social aparece de forma cristalizada nas relações sociais, porém, emerge a partir desse ensinamento shakespeariano, – que pode ou não ter sido propósito dele – reflexões sobre a contemporaneidade, em como o homem não conseguiu aprender com erros passados e torna a reproduzir comportamentos – talvez como sujeito inconsciente de Freud³ – ou mesmo de forma consciente, movido por alguma força superior (seja ela ganância, ambição ou semelhantes). Talvez nem mesmo os eventos que Shakespeare escreve, em *Macbeth* seriam considerados mais como insanidade, mas como falhas humanas, que teimam em se repetir indefinidamente nas atitudes e atos praticados pela humanidade na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, S., *O segundo sexo*, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.
- CANDIDO, A. et al. *A personagem de ficção*. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2018.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- DE JESUS, A. G., SOUZA, K. C. O., A representação do feminino em Lady Macbeth: deslocamento e tragicidade, *Fronteira Digital*, v. 5, p. 112-119 2016. <https://periodicos.unemat.br/index.php/fronteiradigital/article/viewFile/1543/1480>
- Disponível em: Acesso em: 7 dez. 2020.
- HELLER, A. O que é a Natureza, o que é Natural? Shakespeare como Filósofo da Natureza, v. 2, *MORUS utopia e renascimento*, 2005.
- SHAKESPEARE, W. *Macbeth*, São Paulo: Editora Nova Cultural, 2003.
- SOUZA, E. P. A ambição em Lady Macbeth: um percurso persuasivo de poder e desequilíbrio. *Monografia (Especialização em Estudos Literários)*, UFCG, 2016. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/9270/1/EMANUELLA%20PE>

³O sujeito inconsciente na noção freudiana “é a noção de clivagem da subjetividade, através da formulação do inconsciente enquanto um sistema psíquico regido por leis próprias, instaurando um afastamento e um descentramento de outro sistema, a consciência” (TOREZAN ET AL, 2011, p. 531).



[REIRA%20DE%20SOUZA.%20TCC.%20ESP.%20EM%20ESTUDOS%20LITER%20%81RIOS.2016.pdf](#) Acesso em: 7 dez. 2020.

TOREZAN, Z. C. F.; AGUIAR, F. O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. *Rev. Mal-estar e Subjetividade*. v.6, n.2, p. 525-554, jun. 2011.

OLIVEIRA, M. N. C., Mulheres de Shakespeare: uma leitura do feminino em Macbeth, Rei Lear e Sonho de Uma Noite de Verão. Trabalho de Conclusão de Curso, UEP, 2016. Disponível em

<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/11728/1/PDF%20-%20Morgana%20Natana%20Claudino%20de%20Oliveira.pdf> Acesso em: 7 dez. 2020.

Recebido em 17/05/2021.

Aceito em 28/08/2021.